

Função Leitor:

**Sonia Alberti**

**Tema 5**

**As Subjetividades Contemporâneas**

Andrea Seixas Magalhães e Terezinha Féres-Carneiro; Bárbara Conte; Carlos Augusto Peixoto Junior; Corinne Daubigny; Eduardo Ponte Brandão; Fátima Milnitzky; Fernanda Pacheco Ferreira, Suzana Pons, Octavio Souza; Gilda Vaz Rodrigues; Helena Bocayuva; Henrique Caetano Nardi, Raquel da Silva Silveira e Silvia Maria Silveira; Maria do Carmo Andrade Palhares e Regina Celi Bastos Lima; Mônica Messina; Nora Beatriz Susmansky de Miguez; Olga B. Ruiz Correa; Oscar Manuel Miguez; Pedro Paulo Vellozo Alonso Azevedo; Regina Neri; Sergio Benvenuto, e Vera Malaguti Batista.

Prezados autores! E colegas ouvintes!

gostei muito de ter tido a oportunidade de estudar aprofundadamente cada um dos textos que li e me senti muito honrada com a confiança em mim depositada pelo Presidente do Encontro, Joel Birman e pela Secretaria Executiva! Espero retribuir a contento, apesar de saber, de antemão, que os autores dos trabalhos que me couberam ler, não poderão verificar a minha própria elaboração do texto deles (e que aconteceu), como foi possível em outras mesas, pois não tenho nem um minuto para cada um... Mas se Daniel Kupermann conseguiu ontem, quem sabe posso tentar?!

De acordo com os textos, em que tipo de enrascada estamos metidos? Não creio que sejamos analistas as vinte e quatro horas de nossos dias! Seria, aliás, infernal! Por isso, é importante observar que esses textos não foram escritos por analistas, no sentido estrito do termo.

Foram escritos por sujeitos contemporâneos que estão no mesmo barco em que se encontram aqueles que vêm nos procurar como analistas, as pessoas com as quais convivemos, mais ou menos, na cidade e no mundo. O analista, no sentido próprio do termo, não escreve, ele tem uma função muito específica, e alguns autores dos textos que li tentaram nomeá-la de alguma forma. Se o analista escrevesse, bastaria trocar correspondência com nossos pacientes... Mas, já dizia Freud, é necessária a presença do analista para que opere de seu lugar. Então leio esses textos como tentativas de elaboração de sujeitos no mundo e que procuram identificar o lugar do analista frente à

subjetividade contemporânea. Enquanto sujeitos, sofremos igualmente com o mal-estar na cultura! Assim, nos questionamos, procuramos, às vezes achamos! Mas como já dizia Jacques Lacan, a partir de Picasso, ao perguntarmos já trazemos nossas respostas, mesmo se um sujeito que também é um analista não é necessariamente um grande intelectual, um renomado pesquisador, nem mesmo um exímio escritor. Estamos impactados com o mundo em que vivemos, e para responder a ele, nos instrumentalizamos, em particular com o que nos ensina nossa clínica. Mas ela também nos questiona: tipos clínicos e problemáticas que não encontramos nos textos de Freud... não há receita de como responder. Então o que fazemos? De duas, uma: ou dizemos que a psicanálise, tal como Freud a construiu, não mais responde às questões da contemporaneidade, ou, ao contrário, dialogamos com Freud e com outros autores, para tentar encontrar no texto deles, possíveis pistas para novas soluções. Particularmente sou completamente identificada com essa segunda via, pois, a meu ver, as novas fenomenologias não negam os universais em que nos formamos. Para retomar Antonio Negri: Maquiavel, Espinoza e Marx são absolutamente atuais; da mesma maneira, o complexo de Édipo, a teoria das pulsões e as questões freudianas do mal-estar na cultura. Eis a função do sujeito que também é analista: relê-las e reatualizá-las em cada tratamento e em cada prática em que atua como analista, na interlocução com outros saberes.

É o caso, por exemplo, da interlocução com o Direito de Corinne Daubigny; com a Geriatria, no texto de Monica Messina; com a Psicologia Social – Fátima Milnitzky; com os leitores norte americanos – Sergio Benvenuto. Cada um a seu jeito faz um esforço de se instrumentalizar com a psicanálise para transmitir aos outros discursos, de algum jeito, o que ela tem de mais precioso: a possibilidade de atribuir a palavra ao outro do discurso – quem fala, em psicanálise, é o sujeito que sofre, por definição!

O trabalho de Pedro Paulo Azevedo levanta questões na intersecção com o campo jurídico no que tange a família homo e heterossexual. E Corinne pode advogar, junto à Justiça Francesa, pelo “direito” de cada cidadão de conhecer as origens pessoais, sobretudo quando a história tanto negou esse direito aos filhos adotivos, em nome de uma proteção ao passado e dos pais biológicos. Como é possível um analista não sustentar o direito de um sujeito saber sobre suas origens, se justamente esse saber é tantas vezes recalcado, produzindo sintomas (Roudinesco), desorientações? Na adoção e na procriação assistida, como comenta Olga B. Ruiz Correa, na realidade, é

importantíssimo levar em conta os aspectos intergeracionais, já que a filiação é sempre em relação de três gerações sucessivas e reconhecidas como tais. Por quem? Pergunto, levando em conta o texto de Corinne? Em tempos de inseminação artificial, transplante e, até mesmo, robótica, quando já surgem as discussões sobre uma possível identidade/humanização de um clone, esquecemos que sujeitos, de carne e osso, são separados de suas histórias por uma lei que, apesar de relativizada na França em 2002, ainda vigora de fato? Lembro-me do poema de Drummond, quando leio vários desses textos: “O homem – bicho da Terra – de tanto chatear-se nela, foi colonizar a lua, marte, todos os planetas” para então, no fim, se dar conta de que precisava retomar “a difícilíssima e perigosíssima viagem de si a si mesmo, pondo o pé no chão”. Podemos navegar por todos os discursos das novidades, mas, no fundo, é na nossa própria história que encontraremos as respostas para o mal-estar na contemporaneidade. Os novos, são velhos problemas: se já pudermos sustentar o direito de um sujeito saber suas origens, independente de ele querer ou não vir a fazer sua pesquisa, se já pudermos sustentar o direito a uma jovem mãe, ou uma mãe estuprada, ou ainda uma mãe que pelas mais variadas razões não suportou, não quis a maternidade, de sustentar junto a ela o direito de ela falar sobre isso, reconhecer nela um sujeito na história, assim como em seu filho rejeitado, dado, às vezes amado, então sustentamos o direito à expressão da singularidade, sem *a priori*, e certamente estaremos mais bem preparados para o mundo que vem!

É nas questões que dizem respeito ao homem e à sua história que encontraremos as respostas para a contemporaneidade, assim como na história de nossa teoria, de nossa clínica. Há uma necessária alteridade histórica, diz Bárbara Conte. Razão de tantos trabalhos fazerem uma revisão histórica: de novo Corinne; de Andrea Seixas Magalhães e Terezinha Féres-Carneiro, que estudam as novas formas de conjugalidade; Fátima Milnitzky que estuda a história do consumo; de Vera Malaguti Batista que estuda a importância do medo na história da cultura brasileira como modo de sustentação do poder; Helena Bocayuva que comenta a história da constituição da família brasileira para se perguntar, no final, se a lei que cria o poder familiar (no lugar do antigo pátrio poder) não estaria na origem da própria dissolução da família hoje; a história do conceito de perversão, com Sergio Benvenuto e Bárbara Conte e, finalmente, a mais terrível história recente, identificada por Hanna Arendt como a banalização do mal, retomada no texto de Oscar Manuel Miguez.

Taí uma coisa importantíssima: a importância da história, que a psicanálise sustenta e que vai na contramão da introdução da 3ª. edição do DSM, na qual se lê, com todas as letras, que a prática clínica a partir do DSMIII se quer “*ahistórica, ateórica e adoutrinária*”! É a isto que psicanalista resiste! E os textos lidos o atestam! Porque no fundo, como escreve Pedro Paulo Azevedo, a psicanálise lida, desde o início, com o fato de que a vida sexual é o paradigma do que caracteriza, no homem, uma desordem iminente, nada naturalmente adaptável. Na vida humana não vale um programa instintivo-natural.

Apesar disso, devo ressaltar de minha leitura, que há textos que se questionam quanto a isso. Em particular, textos que observam uma certa relativização do Édipo hoje em dia! Mesmo se Gilda Vaz Rodrigues diz ser fundamental a interdição do gozo, há vários textos que observam que é como se nossos filhos, ou nós mesmos (?!) nem sempre estivéssemos pelo Édipo normatizados. *Anti-Édipo?* Pedro Paulo Azevedo levanta a questão no contexto da família de pais homossexuais. No mesmo contexto, Henrique Caetano Nardi, Raquel da Silva Silveira e Silvia Maria Silveira, entendem que o Édipo reafirma que a biologia é o destino e (pelo que pude entender) melancoliza os sujeitos. Nora Miguelez provoca: a reafirmação do complexo de Édipo é uma usina de subjetivação sexuada, fábrica de homens e mulheres que trabalha a partir da sexualidade infantil perverso-polimorfa e está ligada na tomada da proibição do incesto. Pergunta: “diante das formas contemporâneas de subjetivação, o que fazer com esse complexo, veio interpretativo do qual Freud se utilizou?” Seria o complexo de Édipo datado historicamente e nada universal? Eduardo Ponte Brandão pergunta: se a paternidade clássica é o ato de um soberano a declarar publicamente uma criança de que se apossava, e se com a família judaico-cristã depois, o pai é mero servidor, hoje sexo e família estão perfeitamente separados e a psicanálise poderia se tornar instrumento de revalorização do familiarismo moral. Na realidade, diz ele, a psicanálise é produto da crise da ordem patriarcal, com o fim de elaborar justamente o que não se submete à simbolização. Regina Neri, por sua vez, se inquieta: seria o complexo de Édipo uma resistência a novas cartografias da diferença, na medida em que a psicanálise insistiria com ele numa necessária oposição masculino/feminino? Com efeito, Regina insiste na questão, ao sustentar que até mesmo a conceituação de Lacan de A (barrado) mulher como não toda inscrita no gozo fálico, ratifica a referência ao falo. Em contraposição a isso, a autora propõe um desejo com plasticidade à imagem da

pulsão, para que finalmente o sujeito da psicanálise “possa se libertar das amarras representadas pela proibição do incesto”. Como leitora, encontro aí alguma pista para a solução da questão, na medida em que surge na cena a discussão sobre a pulsão, mas não posso deixar de fazer minha observação: a margem aqui é bastante tênue entre o horror ao Édipo – de antanhos, mas sempre também reatualizado – e a necessidade de sua reatualização teórica. Não podemos deixar de estar atentos a isso, o que mais uma vez ratifica minha posição inicialmente explicitada: nossos textos são uma tentativa de elaboração do que sofremos e, em função disso, a história é grande mestre!

Fernanda Pacheco Ferreira, Suzana Pons e Octavio Souza, por sua vez, contrapõem ao Édipo freudiano o texto de Ferenczi. Em Freud, a psicose teria uma origem dupla: a fantasia sexual infantil e o fator desencadeante da puberdade. Para Ferenczi, por trás do trauma há um evento precoce e real, desmentido no meio próximo. Trauma é confusão de línguas, e como a língua da criança não implica o genital que está presente na língua do adulto, o fator genital é traumático. Ou seja, novamente, agora com Ferenczi, o campo psicanalítico se define como o da fala mas, com Ballint, o amor primário não tendo tido lugar, surge a falta básica e, com ela, um maior comprometimento da fala a ser reparado a partir da relação terapêutica. Tanto esse texto, quanto o texto de Maria do Carmo Andrade Palhares e Regina Celi Bastos Lima propõem uma nova forma de relação psicanalista-psicanalisante – a que não escraviza, aliena, nem subjuga –, mas pela via da compreensão: é preciso de dois fazer um (sic), com Winnicott, e é necessária a confiança mútua, pois esta tem um poder cicatrizante.

Assujeitamento e sujeitamento são tensões que freqüentemente retornam nesses textos, na tentativa de identificar o trabalho da psicanálise na contramão da segregação. Carlos Augusto Peixoto Junior observa, com Foucault, que o poder não atua somente oprimindo ou dominando as subjetividades, há um mecanismo produtivo de subjetividade determinado pelo poder. Destarte, a violência perpetrada na moral é fundadora da subjetividade. Qualquer subjetividade que se opõe à violência já é, ela mesma, produto da violência. Há uma alienação primária e inaugural na sociabilidade. O sujeito emerge contra si mesmo para ser, paradoxalmente, para si próprio (Butler). Assim, é somente persistindo na alteridade que persistimos no nosso próprio ser. Diferente, o masoquismo: Diz Bárbara Conte que a violência se incrementa em nossa clínica sob formas narcisistas e autoritárias; múltiplas intervenções cirúrgicas, abuso de medicamentos, psicossomática e autodestruição. Movimento reflexivo, volta-se sobre si.

A criança, inicialmente, é assim por estrutura (teoria da sedução generalizada, Laplanche). O traumatismo inicial faz borda com a pulsão de morte e é aí que se encontra a disposição masoquista (primária, Freud/1924).

Quanto à clínica, *lest but not least*, vários textos apontaram dificuldades: o mal-estar na clínica contemporânea, do sujeito e do próprio analista. Para retomar o texto de Olga, a infertilidade equivale a uma dificuldade de assumir seu lugar na ordem de uma filiação e, às vezes, isso implica até mesmo transgredir uma interdição parental inconsciente. Laços entre mãe e filha estão carregados de história, muitas vezes condensados em não ditos e mal-ditos e frases ditas na infância (caso Célia). A infertilidade também pode ser a expressão de um luto não elaborado de um irmão ou irmã (caso Renata).

A clínica da neurose obsessiva, com Sergio Benvenuto, que ele metaforiza com a história de sua vizinha, Tonina, e sua ambivalência em relação ao pai. Com Claudel, Benvenuto observa que o ritual é ele mesmo produtor de certezas, razão pela qual o obsessivo vive numa hipérbole da incerteza, na tentativa de desconstruir o que ele mesmo constrói. Trabalho fundamental na sustentação da psicanálise frente à clínica do TOC. Filho do discurso cientificista, como corrigiu Jurandir Freire na 5ª. Feira, TOC é um dos nomes de uma clínica ahistórica, ateórica e adoutrinária que elide a castração, na associação da ciência com o capitalismo. Como diz Monica Messina, o capitalismo faz a promessa de o sujeito poder contornar o desejo com o acúmulo de bens. Segundo Gilda Vaz Rodrigues, com a ciência, o sujeito perde sua formalização subjetivada e se torna objeto *a*. O saber da ciência se aloja no real em um lugar diferente do lugar da psicanálise. A ciência pode gozar do real num campo resistente à simbolização. Mas isso não deve nos afastar da ciência propriamente dita, à qual Luis Hanns fazia ontem alusão. Esta, ao contrário, é força de simbolização. No contraponto com a neurose obsessiva, a histeria e sua relação com o desejo, inspira a própria cultura do capitalismo, na manobra realizada por Charles Kettering, da General Motors, que percebeu que para fazer as pessoas desejarem era preciso criar uma insatisfação. Como mostra Fátima Milnitzky, aí surge o *marketing* e a publicidade que, até então sustentada na propaganda do necessário, passa a usar as propagandas emocionais de promoção social.

De tudo isso posso concluir, com Oscar Miguez, que a leitura desses trabalhos me permitiu acompanhar todos esses analistas na sua atividade de pensamento.

Pensamento: construção, filosofia, questionamento; mas é como a teia de Penélope: desfaz-se toda manhã o que fora terminado na noite anterior. Pensar tem a faculdade de desfazer os “axiomas sólidos”, por isso, tampouco podemos esperar dessa atividade um mandamento moral, nem uma definição definitiva do bem e do mal e sim, um efeito corrosivo e destrutivo sobre todos os critérios estabelecidos. Pensar teria levado algozes e vítimas a questionarem as ordens de seus líderes. *Quando o real ultrapassa qualquer ficção, a própria capacidade de antecipação do pensamento perde função.* Eis porque se torna tão importante a tentativa de elaboração que vi nesses trabalhos. (Em homenagem a meus colegas mineiros que deixei na mão mês passado:) “[...] por o pé no chão / do seu coração / experimentar / colonizar / civilizar / humanizar / o homem / descobrindo em suas próprias inexploradas entranhas / a perene, insuspeitada alegria / de com-viver.” (Carlos Drummond de Andrade, “O homem; as viagens”).

Rio de Janeiro, 2 de novembro de 2003.

Sonia Alberti.